

Cerca de 40 mil pessoas desfilarão diante do caixão do presidente Tancredo Neves, durante as 12 horas de visitação pública no Palácio do Planalto, franqueado ontem pela primeira vez na história de Brasília à população em geral. Esse fluxo só foi interrompido sob protestos, às 7h, quando se iniciaram os preparativos para a solenidade de apresentação de condolências pelas missões estrangeiras e para a missa solene, celebrada por quatro cardeais e seis arcebispos. Pouco antes da missa notou-se um clima de constrangimento entre o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, e o ex-presidente Ernesto Geisel, que evitaram qualquer cumprimento.

Durante a madrugada, o silêncio era quebrado pelo estrondo dos canhões, disparados de dez em dez minutos para anunciar a morte do presidente, pelo choro, pelos cantos do lado de fora e pela movimentação dos que socorriam dezenas de pessoas que desmaiavam de emoção diante do esquife. Alguns tiravam fotografias, outros deixavam ao lado do caixão bilhetes, mensagens, poesias, flores e até um chapéu de feltro preto. O movimento diminuiu um pouco por volta de 2h30, voltando a intensificar-se duas horas depois, quando muitas crianças acompanhadas de foram vistas nas duas filas ao lado de grande número de soldados. Nenhum político importante permaneceu no local durante a madrugada.

Dona Risoleta Neves chegou seis minutos depois da meia-noite, acompanhada do filho Tancredo Augusto e outros familiares, recebendo cumprimentos das personalidades presentes naquela hora, como a atriz Maitê Proença, o ex-senador Benjamin Farah, o ex-prefeito de Niterói, Moreira Franco, o senador Milton Cabral e o ex-deputado Adhemar de Barros Filho. Ela recolheu-se às 2h20, não sem antes acariciar o rosto de Tancredo e responder com acenos aos populares que a cumprimentavam do segundo andar.

De manhã

As 7h, os policiais do Exército receberam ordem para não deixar entrar mais ninguém, ordem só cumprida quatro minutos depois, diante da insistência de alguns, como as enfermeiras Célia Maria Ferreira Lins e Maria de Lurdes Oliveira.

Cerca de cem pessoas iniciaram um coro — "queremos ver o presidente" —, mas de nada adiantou, pois chegava a hora das missões estrangeiras. Mesmo depois da missa o povo ainda esperava poder ver o presidente e acompanhar



Sarney, d. Risoleta e, de costas, Aécio e Tancredo Augusto fecham o caixão.



Visitantes em fila dupla



Geisel não cumprimentou Ulysses

Fotos: Adão Nascimento

cumprimentou; evitando isso ostensivamente, como nem mesmo olhava para o lado do presidente da Câmara

Em compensação, quase todos os ministros do atual governo se deslocaram para cumprimentar Geisel, seguidos dos governadores de São Paulo, Franco Montoro, e do Paraná, José Richa. Esses cumprimentos obrigaram o ex-presidente a ficar em pé todo o tempo antes do início da missa solene. Ainda antes da missa, Geisel foi sozinho até o caixão, curvando-se diante do vidro protetor por alguns segundos. Quando voltava, quase cruzou com Ulysses, mas ambos, discretamente, evitaram novamente os cumprimentos. O gesto de Geisel foi imitado pelos ministros, que, um a um, foram até o caixão, para a última despedida.

O presidente do Senado, José Fregelli, chegou meia hora atrasado, quando a missa estava na metade, sentando-se ao lado de Geisel, com quem conversou demoradamente. Fregelli contou depois que "o Geisel me disse: 'Que tragédia', que grande tragédia.

Os estrangeiros

Sete países estiveram representados por chefes de Estado ou de governo: Portugal, pelo presidente Ramalho Eanes; Venezuela, pelo presidente Jaime Lusinchi; Colômbia, pelo presidente Belizario Bettancourt; Uruguai, pelo presidente Júlio Sanguinetti; Paraguai, pelo presidente Alfredo Stroessner; Peru, pelo primeiro-ministro Luis Percovich, e Suriname, pelo primeiro-ministro Uden Hout.

Os Estados Unidos enviaram o secretário de Comércio, Malcolm Baldrige, que trouxe uma carta pessoal do presidente Reagan a Sarney, na qual, segundo se informou, reiteraria a decisão dos EUA de estender ao novo presidente brasileiro a mais ampla cooperação, diante da delicada situação em que assumiu.

Quando todos os chefes de Estado já haviam cumprimentado Sarney, irrompeu no salão, apressado, o presidente paraguaio Alfredo Stroessner, acompanhado por uma comitiva de 40 pessoas e um pouco constrangido, obrigando o Itamaraty a romper o protocolo.

Sarney recebeu as condolências ao lado de sua mulher, dona Marly, e do neto de Tancredo, Aécio, que representava dona Risoleta, exausta àquela hora. Após de Sarney permaneceram os ministros-chefes do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco, e do Militar, general Rubem Denys. Só quase ao final chegou o chanceler Olavo Setúbal.

BRASÍLIA

A longa noite

Desmaios, muita emoção e protestos marcaram o velório no Planalto, que terminou às 7h.

o cortejo. Mas o forte esquema policial não permitiu, embora, aos gritos, populares tivessem tentado convencer o presidente José Sarney e dona Risoleta, que, na rampa do palácio, nada puderam ouvir. As 7h30, no Salão Leste, Sarney começava a receber os cumprimentos dos delegados estrangeiros

que, em seguida, dirigiam-se ao local a eles reservado para assistir à missa.

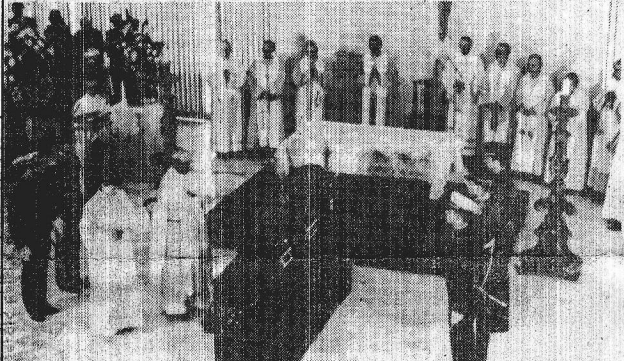
Constrangimento

No lado oposto ao das missões estrangeiras, foram colocadas dez poltronas reservadas para os presidentes do Supremo Tribunal Federal, da Câmara dos Deputados e do

Senado, para o núncio apostólico, d. Carlo Furno, e dois arcebispos que o acompanhavam, e para o ex-presidente Ernesto Geisel.

Geisel chegou às 8h50, quando já estavam no local a família Neves, o presidente Sarney com a mulher, dona Marly, o presidente do STF, Moreira Alves, e Ulysses Gui-

marães, ambos acompanhados das esposas. Desde logo notou-se um clima de constrangimento entre Geisel e Ulysses, separados por apenas duas poltronas. Geisel, que até hoje não esquece ter sido chamado por Ulysses de "Id Amin", em um de seus discursos como presidente do PMDB não só não o



A missa solene



Condolências da URSS



Condolências da Argentina



Dona Antônia, a secretária.

Fotos: Agilre Adão Nascimento